
VÍDEOS EDUCATIVOS E O DIÁLOGO ENTRE CULTURAS: PROFESSORES INDÍGENAS E A APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL¹

Kelly Russo²

RESUMO

Desde o final da década de 1980, diferentes povos indígenas utilizam a tecnologia audiovisual em suas comunidades. Também, neste mesmo período, o modelo escolar civilizatório historicamente imposto começou a ser substituído pelas atuais Escolas Indígenas: organizadas e administradas essencialmente, por professores e comunidades originárias. Esse artigo visa apresentar e analisar uma experiência indígena em particular: a produção de vídeos educativos como apoio didático-pedagógico na educação comunitária. Para isso, conta com as informações recolhidas através de trabalho etnográfico desenvolvido durante o ano de 2004, no Território Indígena Rio das Mortes, da etnia Xavante, localizado no estado do Mato Grosso. São discutidos os diferentes usos que essa comunidade faz do recurso audiovisual, em particular aqueles relacionados ao trabalho dos professores indígenas desta comunidade. A apropriação da tecnologia audiovisual neste contexto contribui para o diálogo intercultural e para o fortalecimento da identidade étnica construída por esta população.

Palavras-chave: educação, mídia, interculturalismo, Indígena.

*Depois que vi o contato com os brancos, / eu já sabia que a nossa vida
não continuaria do jeito que era.
Mas essas coisas modernas, / torre, placa solar, carro, meninos estudando,
são só para nos comunicarmos com o branco.
Mesmo com todas essas coisas, / nós continuaremos com a nossa história
e com a nossa vida.*

Sereburã³

INTRODUÇÃO

Desde o final da década de oitenta, com o fim da ditadura militar e em um contexto de luta por direitos humanos e democratização dos meios de comunicação, diferentes povos indígenas brasileiros tiveram acesso à tecnologia audiovisual. A partir da intervenção de universidades, ONGs, antropólogos ou por iniciativa das próprias comunidades, câmeras de vídeo foram utilizadas por lideranças indígenas em variados contextos. Este fato originou um rico debate no campo da Antropologia: diferentes autores negaram ou defenderam as possibilidades de autonomia no uso de recursos tão distantes de suas formas tradicionais de representação. O uso da tecnologia audiovisual seria uma ameaça à integridade cultural ou uma nova forma de *empowerment* para esses povos? A res-

¹Trabalho apresentado no 1º Colóquio de Pesquisa Educação e Mídia: diálogos entre culturas, realizado pela UniRio de 29 a 31 de agosto de 2007.

²Doutoranda em Educação Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

³Citado em Gauditano, 2003.

posta para essa pergunta iria variar de acordo com a definição de cultura que cada um desses autores trabalharia (TURNER, 1991; GALLOIS e CARELLI, 1998 e 1995; FARIS, 1992; GINSBURG, 1994; WEINER, 1997; RUSSO, 2004).

Entendemos a identidade cultural como um processo sempre em construção, modificada e adaptada a novos contextos e realidades de acordo com as prioridades vivenciadas por cada grupo humano. A identidade indígena é construída de forma similar, organizada a partir de uma cultura igualmente dinâmica e capaz de sofrer transformações no contato com o “outro”: seja este, um outro indígena, seja um outro representado pela sociedade nacional. Mas, ao fazer esta afirmação, não deixamos de reconhecer a situação de desequilíbrio de poder existente na relação entre uma minoria étnica e a sociedade envolvente. Será exatamente neste contexto de desequilíbrio de poder que cada grupo minoritário irá se apropriar de recursos e tecnologias na luta por uma maior inserção social e para a defesa de uma identidade específica no cenário nacional ou internacional. No caso indígena, as variadas formas de apropriação e utilização do vídeo podem exemplificar como esse processo ocorre de forma interculturalmente ativa e criativa.

Neste artigo, analisamos uma experiência indígena de uso da tecnologia audiovisual em uma realidade particular: a produção de vídeos como apoio didático pedagógico na educação comunitária. Esse estudo tem como base as informações recolhidas através de trabalho etnográfico desenvolvido durante o ano de 2004, no Território Indígena Rio das Mortes, de etnia Xavante, localizado no estado do Mato Grosso. Durante o trabalho de campo, foram entrevistados cerca de 30% da população total da aldeia de *Etêñeritipa*, incluindo todos os professores da Escola Municipal Pimentel Barbosa, além das observações etnográficas sobre as rotinas comunitária e escolar.

Com o objetivo de desenvolver uma análise sobre a produção e o uso de vídeos no contexto educativo desta comunidade, apresentamos algumas informações sobre este grupo étnico, os diferentes usos do recurso audiovisual e discutimos como essa utilização reflete características de um processo educativo endógeno. Acreditamos que a apropriação da tecnologia audiovisual neste contexto, contribui para o diálogo intercultural e para o fortalecimento da identidade étnica defendida por esta população, além de aproximar o espaço escolar à rotina comunitária.

O TRABALHO DE CAMPO: O POVO XAVANTE

Os xavantes, ou como se autodenominam *A'uwê Uptabi*, “O Povo Verdadeiro”, são conhecidos historicamente por seu *ethos* guerreiro e por sua resistência ao contato pacífico com a sociedade nacional. Conviveram com não indígenas pela primeira vez no século XVIII, mas, negaram-se a esse contato em fins do XIX, migrando para o interior do país. Essa decisão não foi unânime, provocando divisões internas e variados destinos para subgrupos Xavante (MAYBURY-LEWIS, 1984,1967; LOPES DA SILVA, 2000, p. 357-378).

A população total desta etnia é estimada em 13 mil pessoas e está dividida em seis territórios indígenas dentro do estado de Mato Grosso: Sangradouro, São Marcos, Marechal Rondon, Parabubure, Areões e Rio das Mortes. O território Rio das Mortes, cenário principal desta pesquisa, possui 329.000 hectares e cerca de dois mil habitantes divididos em cinco aldeias: *Tanguro*,

*Caçula, Água Branca, Wede'rá, e Etêñeritipa*⁴. A população do território Rio das Mortes possui menos de 60 anos de contatos pacíficos com a sociedade nacional, é monolíngüe em idioma nativo e conta com cinco escolas municipais, uma em cada aldeia. Esta pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Básico Pimentel Barbosa, situada na aldeia *Etêñeritipa*, com cerca de 550 habitantes. Na escola municipal, sete professores indígenas e três não-indígenas, além de um coordenador também não-indígena, são responsáveis por oito turmas de ensino fundamental, que envolve cerca de 200 alunos. No momento da pesquisa, nenhum professor – inclusive o diretor – possuía formação docente⁵.

A aldeia xavante é formada por casas construídas com troncos e folhas de palmeira, organizadas em semicírculo, formando um grande pátio central. Este pátio é o cenário principal para as cerimônias ou ritos culturais tradicionais, além do espaço reservado para o principal conselho político do grupo, o *Wara*. O *Wara* acontece sempre ao nascer e pôr do sol e reúne os representantes homens de quase todas as famílias da aldeia, que ali discutem todos os acontecimentos da comunidade. Mas não podemos deixar de salientar que é neste mesmo espaço “tradicional” o palco para uma atividade cada vez mais popular para o grupo: o futebol, uma prática cada vez mais freqüente e que envolve homens, mulheres e crianças em campeonatos organizados entre aldeias ou territórios indígenas⁶.

Neste contexto cultural, se por um lado o cotidiano escolar ainda encontra dificuldades de comunicação e penetração na lógica comunitária – entre outros fatores, por ser a linguagem escrita a única valorizada⁷ – por outro, a realização de vídeos e a linguagem fílmica foram práticas rapidamente aceitas por esta comunidade xavante. Segundo as entrevistas e observações locais, não há resistência e assistir sessões de vídeo, feitos ou não pela comunidade, são sempre momentos de grande diversão.

A tecnologia audiovisual chegou à aldeia *Etêñeritipa* graças ao intermédio de uma antropóloga americana que, em 1992, convidou dois jovens xavantes a integrarem o projeto Vídeo nas Aldeias. Este projeto surgiu como parte das ações desenvolvidas pela organização não-governamental Centro de Trabalho Indigenista, em parceria com a Faculdade de Antropologia da USP, mas que atualmente funciona como uma ONG independente, que fornece recursos e capacitação na tecnologia do audiovisual para mais de 30 grupos indígenas do país. Nesta aldeia são dois videomakers ou *Dapoto'wa* (“criador de imagem” em língua nativa). Um deles não fala português, nunca estudou e dificilmente sai do território indígena. O outro, além de dominar o português e conhecer o cotidiano das cidades (viveu durante cinco anos com uma família não-indígena na cidade de Goiânia), completou o Ensino Fundamental e hoje é um dos professores da escola da aldeia.

⁴Falar em um número total de aldeias é um risco, visto que as segmentações no grupo Xavante são freqüentes. Em 2006, por exemplo, parte da população de Etêñeritipa se dividiu e formou uma nova aldeia. Atualmente, ambas dividem a mesma escola municipal instalada na aldeia original.

⁵Todos participam, desde 2005, de um curso de formação para professores indígenas organizado pela Secretaria de Educação de Mato Grosso em parceria com o setor educativo da FUNAI. Este curso ocorre no período de férias escolares e tem previsão de conclusão no final deste ano.

⁶Sobre a prática do futebol entre os Xavante, ver: Fedola, Fernando. 2001. A bola, os "brancos" e as toras: futebol para índios xavantes. Dissertação de mestrado em antropologia social (USP: SP).

⁷Sobre a escolarização deste grupo Xavante, ver: Russo, 2005.

Será por meio desses dois videomakers xavantes que a tecnologia audiovisual vem sendo utilizada na aldeia *Etêñeritipa*. As diferentes trajetórias de vida e os variados graus de contato com a sociedade nacional tornam mais intenso, o diálogo intercultural presente no uso do audiovisual nesta comunidade, como poderemos ver a seguir.

A TECNOLOGIA AUDIOVISUAL E A REALIDADE INTERCULTURAL

A apropriação do recurso audiovisual por povos indígenas amazônicos⁸ produz imagens impactantes: o forte contraste entre o idealizado *índio clássico*, que fala a língua nativa, usa pinturas corporais e vive em aldeias afastadas de centros urbanos, e uma tecnologia tão moderna quanto a câmera de vídeo digital. Mas, ao nos aproximar da realidade local, foi possível perceber que a apropriação do recurso audiovisual não poderia ser analisada como um fenômeno *per se*, mas sim, dentro de um contexto de negociação permanente entre práticas consideradas “tradicionalistas” e outras vistas por eles como “modernas” ou “dos brancos”. Nessa tensão intercultural permanente, as decisões do grupo são tomadas sempre de modo coletivo e visam a manutenção de uma cosmologia própria.

O uso da tecnologia audiovisual parece ser um integrante a mais de uma série de ações desenvolvidas por essa comunidade, na busca pelo fortalecimento de uma identidade cultural específica e sua autonomia⁹ em relação a sociedade nacional. Durante o trabalho de campo foram presenciadas reuniões da liderança da aldeia sobre a chegada ou não de computadores; novas formas de controlar a entrada de cigarros e bebidas alcoólicas na comunidade ou a decisão sobre qual deveria ser o valor de um cachê artístico para um grupo de homens desta aldeia, se apresente artisticamente em um grande centro urbano¹⁰. Também foram constantes as reuniões entre corpo escolar e lideranças comunitárias na tentativa de tornar a escola uma rotina mais próxima daquela vivenciada na realidade comunitária. Será neste cotidiano de intensa “negociação intercultural” entre um grupo minoritário (numérica e economicamente) e uma sociedade nacional, que a tecnologia audiovisual será incluída nas práticas comunitárias.

OS DIFERENTES USOS DA IMAGEM

As primeiras sessões de vídeo ocorridas na aldeia *Etêñeritipa* na década de 1990, eram coletivas, realizadas em um armazém de arroz (uma casa de madeira construída no centro da aldeia),

⁸Os Xavante também são considerados povos amazônicos, visto que seus territórios estão localizados em uma área denominada como “Amazônia Legal”, que vai além do estado do Amazonas, incluindo quase todo o estado do Mato Grosso. Essa região é caracterizada por suas características geográficas e sociais específicas.

⁹No contexto indígena é sempre importante lembrar que o conjunto de leis que definem a relação do Estado Nacional com as populações indígenas está definido no documento “Estatuto do Índio”, criado na década de 1970 e ainda hoje é a base legal referente a estas populações. Nele, povos indígenas são considerados “relativamente incapaz” e por isso, o Estado passa a ser seu tutor legal.

¹⁰Nos últimos anos têm sido freqüentes, convites de diferentes organizações para que este grupo Xavante apresente danças tradicionais em eventos culturais. Somente em 2004, participaram de cinco eventos diferentes: dois patrocinados por Prefeituras locais e três organizados por organizações não-governamentais em capitais nacionais e internacionais

onde eram exibidos vídeos realizados por outras etnias¹¹ ou imagens do cotidiano da comunidade, registradas pelos videomakers locais. Atualmente essa realidade se encontra modificada: com a destruição do antigo armazém, a televisão foi colocada na escola, onde são realizadas as sessões coletivas. Além desta, existem outros dois aparelhos de TV e vídeo e uma antena parabólica em algumas casas da aldeia. Com estes equipamentos, a partir dos últimos dez anos sessões privadas são realizadas, ou seja, programação de TV é vista por algumas horas por dia, por apenas algumas famílias proprietárias desses recursos. Mas neste estudo priorizamos o uso coletivo deste recurso, ou seja, a realização dos vídeos e as sessões comunitárias de TV ocorridas na escola foram priorizados nesta investigação.

Sobre o uso coletivo, apesar de correr o risco de limitar uma realidade (sempre mais complexa que qualquer classificação), mas com o intuito de apresentá-la de modo mais claro, identificamos que na aldeia *Etêñeritipa* o uso do audiovisual se dá em dois movimentos opostos, mas complementares entre si: um direcionado para um público externo e outro que visa à própria comunidade. São complementares porque em ambos os casos, essa apropriação irá interferir em diferentes níveis: a realização de vídeos que visam um público externo acaba por impactar toda a comunidade, gerando um importante movimento interno de “reelaboração cultural” (GALLOIS e CARELLI 1995, p. 211); assim como os que são realizados apenas para o uso interno da aldeia, muitas vezes apóiam a finalização de outros que visam divulgar o modo de vida tradicional desse grupo.

FALANDO COM *WARAZU*: OS VÍDEOS REALIZADOS PARA UM PÚBLICO EXTERNO

Existe entre os *Dapoto'wa*, uma clara percepção sobre a diferença entre falar com *A'uwẽ* (como se autodenominam em língua nativa) ou com os *Warazu* (não indígenas em Xavante):

O vídeo depende do público alvo. Quando fazemos um vídeo sobre saúde bucal estamos falando para nosso povo e até para Xavantes de outras aldeias, portanto não precisamos nos preocupar com o ritmo dos brancos que gostam de vídeos muito cortados e não têm paciência para escutar falas maiores. Quando fazemos um vídeo, como *Waptémñono*, um vídeo sobre a iniciação dos jovens Xavantes, às vezes precisamos explicar e mostrar com muita clareza coisas que para nós são absolutamente óbvias e para os não índios são totalmente obscuras. (WAIASSÉ, citado em NUNES, 2004).

Conforme o videomaker xavante explica, os recursos utilizados ou a forma de produção e realização de um vídeo não será a mesma, dependendo do objetivo desse produto final. Eles sabem que os tempos e as prioridades de tão diferentes públicos exigem um cuidado especial no momento em que realiza suas produções. Ao ser questionado sobre como ocorre a definição de temas para a realização dos vídeos, o mesmo videomaker diz:

As decisões sobre o que filmar acontecem sempre de forma espontânea, porque, mais do que decidir junto com a comunidade, o que acontece é que nós fazemos parte da comunidade, portanto

¹¹Além de capacitar e possibilitar a apropriação de comunidades indígenas ao recurso audiovisual, outra proposta do projeto *Vídeo nas Aldeias* era incentivar novos canais de comunicação entre essas mesmas populações. Para isso, apoiava a realização de vídeos indígenas que seriam distribuídos ou emprestados a outras comunidades.

sempre estamos afinados com as necessidades do momento. (WAIASSÉ, citado em NUNES, 2004).

Essas decisões “espontâneas” surgem em um determinado contexto social que vive em negociação permanente entre diferentes culturas e dinâmicas sociais: uma defendida como tradicional e verdadeira pelos anciãos do grupo; outra vista como moderna e “dos brancos”, mas que provoca transformações e readaptações constantes na vida comunitária. Nesta parte apresentaremos algumas características dos vídeos realizados para um contexto externo ao da comunidade, onde situamos dois objetivos gerais para estas realizações:

- a) **Denúncia e mobilização:** quando registram invasões de madeireiros ou conflitos com fazendeiros com o objetivo de incluir esse material em sua defesa ou ao cobrarem maior atenção do governo brasileiro. Também dizem ter usado para mobilizar a comunidade desta ou de outras aldeias xavantes para alguma questão de conflito. Esse tipo de material não costuma ser editado, sendo reproduzido direto da câmera e totalmente falado em língua xavante, sem legendas.
- b) **Divulgação da cultura xavante:** vídeos e filmes realizados com o claro objetivo de fortalecer a imagem de uma identidade étnica específica e diferenciada. Com esse objetivo foi produzido o filme *A'uwē Uptabi: O Povo Verdadeiro*, em co-parceria com uma produtora carioca no tocante das comemorações dos 50 anos de contato xavante, evento organizado pela ONG Instituto de Desenvolvimento das Tradições Indígenas (IDETI), presidida por um Xavante. Neste, como em outros filmes produzidos com um claro intuito de mostrar “a beleza do povo Xavante”, como explicou um dos anciãos do grupo, são priorizadas as imagens que ressaltem as cerimônias tradicionais, os cantos e danças cerimoniais, assim como as riquezas naturais do meio onde vivem. Além deste filme, foram organizadas mostras fotográficas e a publicação de um livro de mitos xavantes. Todo material bilíngüe, português-xavante.

FALANDO COM A'UWÊ: VÍDEOS REALIZADOS PARA A PRÓPRIA COMUNIDADE

Os vídeos realizados pelos *Dapoto'wa* da aldeia, visando à exibição interna, ou seja, exclusivo para a própria comunidade, poderiam ser divididos a partir de três objetivos gerais:

- a) **Preservar a memória do grupo:** registro de cantos, histórias, cerimônias e rituais mais importantes, com o objetivo de guardar essas informações para que as “próximas gerações possam conhecer seus antepassados”, como explica o Xavante Siridiwê (comunicação pessoal, 2004). Grande parte desse material é guardado na cidade de São Paulo, na organização IDETI, ou na sede do Vídeo nas Aldeias, para que possam ser depositados em ambientes mais seguros, sem a variação climática presente na região do centro-oeste brasileiro.

Importante salientar que o fato dessas imagens serem registradas em vídeo com o objetivo de “preservar” manifestações culturais não impede que esse mesmo material seja utilizado na realização de novos vídeos, editados a partir de um tema específico escolhido pela comunidade ou proposto pelo Vídeo nas Aldeias. Até o final da realização do

trabalho de campo, por exemplo, os xavantes de *Etêñiritipa*, terminavam de produzir dois novos vídeos que visavam um público externo. Eram eles: “Ritos de Passagem”, produzido e editado por Pappiani e Siridiwê, que divulga a experiência da realização do evento de mesmo nome, que apresenta cerimônias de diferentes etnias em grandes capitais brasileiras; e o segundo, solicitado pelo Vídeo nas Aldeias, era realizado diretamente pelos videomakers de *Etêñiritipa*, tratando-se das cerimônias de casamento xavante.

b) *Entretenimento*: também são comuns as sessões de TV coletiva, com cenas do cotidiano, festas ou cerimônias realizadas pela comunidade com o objetivo explícito de se divertirem. Essas imagens têm pouco tempo de vida, já que essas fitas costumam ser reutilizadas após seu uso em sessões coletivas muito animadas. Alguns dos entrevistados, principalmente jovens, disseram gostar muito de ver “vídeos de luta”. De modo menos freqüente, as sessões coletivas contam com vídeos não produzidos na aldeia, mas alugados em locadoras de cidades vizinhas. Os gêneros preferidos da maioria são: ficcionais ou documentários sobre guerras. Antônio, um dos anciões do grupo, apesar de dizer não gostar desses filmes porque tem “muita violência”, relaciona as situações de conflito mostradas nesses filmes com a realidade dos xavantes: “antigamente era assim mesmo! Nós brigamos muito por essas terras!” e por isso, os mais jovens devem “estar atentos” porque esses conflitos podem voltar a qualquer momento e os filmes ajudariam a formar as novas gerações para a luta (comunicação pessoal, 2004).

c) *Material de apoio didático educativo*: como um dos videomakers é também professor da escola da aldeia, alguns dos vídeos produzidos na comunidade ou adquiridos através da Secretaria Municipal de Educação de Canarana, começam a ser utilizados como complemento para as aulas de jovens e adolescentes, ou na realização de campanhas comunitárias que visam melhorar a qualidade de vida local.

Foram realizadas, no período de trabalho de campo, duas aulas, com exibição de vídeos feitos na própria aldeia. Um deles apresentava a tradicional “Corrida de Tora”, atividade desportiva e ritualística de força e resistência, e o outro, a cerimônia da “Furação de Orelha”, rito de passagem dos meninos Xavante. É importante ressaltar que longe de ser uma atividade artificialmente montada para o contexto escolar, as crianças assistiam imagens em vídeo de atividades comuns no cotidiano comunitário: pinturas corporais, danças e cantos cerimoniais. Para complementar essa programação, o professor e videomaker Waiassé também demonstrou interesse em apresentar vídeos ou programas que mostrem como é “realmente a vida na cidade”, ou seja, que abordem questões como violência, pobreza, vícios e má qualidade de vida. Também buscava algumas indicações sobre programas que mostrassem as conseqüências negativas do uso do álcool e do cigarro, hábitos que começam a entrar de modo significativo na aldeia.

De acordo com esses professores, o vídeo possibilita uma comunicação muito mais efetiva e rápida, facilitando a “conscientização da moçada” (Waiassé, comunicação pessoal: 2004). Com este objetivo foi realizado o vídeo “*Dasadawa weda*: Saúde Bucal, vídeo educativo Xavante”, material que analisamos a seguir.

O DIÁLOGO INTERCULTURAL, A ESCOLA E O VÍDEO EDUCATIVO

No início filmávamos festas, reuniões e as viagens que eu fazia, como pode ser visto em meu primeiro vídeo que em português se chama "Tem que ser curioso". Mas depois fomos vendo outras utilizações e em 2000, fizemos um vídeo sobre saúde bucal, algo que estava nos preocupando muito porque com a aproximação das cidades e da comida dos brancos, aumentou muito a ocorrência de cáries e a conseqüente perda dos dentes em meninos e meninas muito novos. Fizemos um vídeo junto com o dentista Rui Amaral que explica, em Xavante, todos os cuidados que nosso povo, dentro de nossa realidade, deve tomar para manter uma boa saúde bucal (WAIASSÉ, citado em NUNES, 2004).

O vídeo "*Dasadawa weda: Saúde Bucal, vídeo educativo Xavante*" foi o produto audiovisual que surgiu deste desejo explicitado por Waiassé, o professor e videomaker xavante. Foi realizado com o apoio financeiro de uma empresa de produtos relacionados à higiene bucal e com a parceria do profissional dentista não-índio, que trabalha periodicamente na aldeia (funcionário da FUNASA, agência ligada a FUNAI e responsável pela saúde em comunidades indígenas). A forma como este vídeo foi realizado, a linguagem e a fotografia escolhidas podem exemplificar uma vez mais, a contínua interação entre indígenas e não-indígenas tanto na realização audiovisual quanto no cotidiano da aldeia.

"*Dasadawa weda...*" possui quinze minutos de duração. Inicia sem som, com imagens da Serra do Roncador (o entorno natural desta aldeia xavante) e aos poucos, uma música xavante é entoada por vozes masculinas enquanto um clipe de imagens de danças tradicionais realizadas por mulheres, homens e crianças toma a tela. Das danças, surgem imagens do cotidiano da aldeia, atividades rotineiras, como a caça, a pesca ou a colheita de frutas feita por mulheres e crianças. A música xavante continua e nesta seqüência de imagens da vida comunitária, surgem aquelas referentes ao tema do vídeo: crianças e professores na escola e em diferentes espaços comunitários, manuseiam pastas e escovas de dente. A música e o clipe de imagem terminam juntos, para surgir o primeiro depoimento, feito por um jovem xavante, pintado e vestido de forma tradicional próximo a uma casa da aldeia, explica em língua nativa, a dificuldade em se acostumar a escovar os dentes por não ser este um hábito cultural Xavante. Em seguida, outro *take*, agora com um professor xavante, que explica em língua nativa, as mudanças dos hábitos alimentares ocorridas na história do grupo – que passou a incluir produtos industrializados trazidos no contato com os brancos – e sobre a importância dos Xavante se habituarem a uma nova prática cultural: escovar os dentes. Esta é a abertura do vídeo que se desenvolve através de uma seqüência de imagens da rotina comunitária e muitos depoimentos dos xavantes sobre a necessidade e as dificuldades para se implementar esse novo hábito de higiene na realidade da aldeia.

O vídeo é todo falado em língua xavante, legendado em português, e está dividido em três partes: "*Dasadawa Hözé: doenças bucais*", "*Aiwasé Tõda: prevenção*" e "*Danhimi Zaresezé: conselhos*". Didaticamente, cada uma das partes apresenta um rico universo de imagens e depoimentos que se complementam para mostrar como os xavantes faziam a higiene bucal antes do contato com os brancos, a inclusão de novos tipos de alimentos, as doenças bucais mais comuns e algumas sugestões para a prevenção. O vídeo foi editado em uma linguagem dinâmica e intercala depoimentos de moradores, professores e agentes de saúde, todos xavantes, com seus diferentes pontos de vista sobre o assunto. Um jovem, por exemplo, mostra como resolver o problema da escassez de escovas

e pastas dentais, e uma mãe explica a sua dificuldade em cuidar dos dentes de seus filhos, porque na realidade da aldeia “eles estão sempre comendo alguma coisa e sujando os dentes!”.

No cotidiano xavante, as crianças têm muito mais liberdade de espaço e de ação que uma família classe média brasileira, onde a rotina infantil é quase sempre determinada por um adulto. Entre os xavantes, as crianças raramente sofrem punições. O pai nunca o faz e as mães somente em casos extremos, já que consideram e se relacionam com a infância de modo bastante particular: a criança não será, ela já é alguém responsável por seus atos. A educação e a sociabilidade destas ocorrem de modo gradual e contínuo em diversos espaços comunitários.

As crianças xavantes acompanham os mais velhos nos afazeres domésticos, sem a existência de uma clara diferenciação entre o que seriam atividades “infantis” ou “de adultos”. Os meninos parecem ter maior liberdade durante a primeira infância, sem deveres ou responsabilidades muito definidos, mas como as meninas, colaboram com as tarefas domésticas e participam das atividades cerimoniais. Através da relação com seus familiares e “brincando de fazer coisas de verdade” (NUNES, 2002, p. 73) que meninos e meninas xavantes aprendem a identificar os limites e códigos que regem a sua sociedade.

A educação nesta cultura, acontece de modo fluído em diferentes espaços: entre as casas da aldeia, durante as tarefas domésticas e cerimônias coletivas ou mais atualmente e de modo gradativo, no espaço escolar. No vídeo, esse processo educativo que se dá de forma fluente e em diferentes espaços torna-se evidente: a escola é apresentada, mas sem maior destaque, incluída entre os outros tantos espaços da aldeia. As explicações sobre os cuidados para se prevenir doenças bucais se dão nas salas de aula, mas também no posto médico, no pátio central da aldeia ou sob a sombra de uma árvore: a educação acontece em lugares variados do cotidiano deste povo. O vídeo não nega o lugar da escola, vista pelas lideranças indígenas como uma fonte de informações sobre a sociedade envolvente (cultura nacional) e um importante espaço de resgate e valorização das tradições étnicas (cultura local), mas deixa evidente que este não é o único espaço onde a educação se dá. Como o próprio videomaker Waiassé fez questão de afirmar no depoimento de abertura desta sessão do artigo, “o vídeo explica, em Xavante, todos os cuidados que nosso povo, dentro de nossa realidade, deve tomar para manter uma boa saúde bucal” (WAIASSÉ, apud NUNES, 2004). Não é negada a diferença cultural, ao contrário, o vídeo confirma essa diferença ao evidenciar a “realidade” Xavante, mas contextualiza os impactos sofridos pela cultura local, e desse modo discute a inclusão do hábito de se escovar os dentes.

A realização do vídeo envolveu todos os professores da aldeia e a comunidade de uma forma ampla: foi feita uma pesquisa sobre a história do grupo, o contato com a sociedade nacional e os impactos deste contato nas práticas alimentares cotidianas. Homens, mulheres, idosos e crianças fizeram parte deste processo para que se tornasse possível contextualizar como eram as formas “tradicionais” de limpeza bucal entre os xavantes e como ocorreram mudanças desde o contato. Assim, o grupo se contrapõe a qualquer visão que os tornassem vítimas: a inclusão desse novo hábito não se dá como resultado de uma cultura “menos avançada” que aprende com outra “mais desenvolvida” como manter a saúde de seu povo. Em lugar disso, o enfoque do vídeo se dá na transformação cultural, onde os xavantes possuem total autonomia, visto que são eles que começam a consumir produtos industrializados em seu cotidiano e essa sua atitude, gera a necessidade de mudanças na comunidade. Essa preocupação em construir uma imagem mais autônoma desta população também está presente quando “*Dasawada Weda...*” é feito em língua nativa, mas com legendas em portu-

guês para que cópias do vídeo pudessem ser distribuídas às escolas das cidades próximas ao Território Indígena.

Ao tratar da questão indígena é importante contextualizar o tema no campo das relações interétnicas para qual Cardoso de Oliveira (1996 [1964]) propõe um modelo de investigação a partir do conceito de “fricção interétnica”. Este modelo pretende compreender a estrutura e a dinâmica das relações entre povos de etnias distintas, inseridos numa situação de contato assimétrica, que origina um sistema de sujeição e dominação. “Não se trata de relações entre entidades contrárias, simplesmente diferentes ou exóticas, umas em relação a outras; mas *contraditórias*, isto é, que a existência de uma tende a negar a da outra” (Cardoso de Oliveira, 1996: 46). Estudar com profundidade uma determinada população indígena pressupõe analisar sua relação com as demais populações existentes nessa mesma região e com o Estado Nacional.

O Território Indígena de Pimentel Barbosa está localizado em uma região onde a maior parte da população é formada por migrantes, descendentes de europeus, vindos do sul do país, em busca de oportunidades de enriquecimento nessas largas extensões de terra consideradas pelo discurso oficial na década de 1950 e 1960, como “terras desocupadas”. As administrações locais dos municípios vizinhos ao território têm a sua arrecadação provenientes principalmente, da extração de madeira, da criação de animais e principalmente, para o plantio de soja. Neste cenário, os xavantes, assim como outros povos indígenas da região¹², são considerados pela maioria da população local, como uma espécie de latifundiários improdutivos, indolentes e incapazes, que ocupam vastas extensões de terra, limitam o desenvolvimento da região e até mesmo, ameaçam a soberania do país¹³.

Se no contexto local a população xavante precisa lidar cotidianamente com o preconceito, nos grandes centros urbanos, distantes da maioria das reservas indígenas, esses atritos são menos explícitos e a diversidade étnica é geralmente considerada como um valor “a ser preservado”. Mas apesar dessa aparente aceitação, pouco se sabe sobre a diversidade étnica existente no país. Na maior parte das vezes, os povos indígenas têm todas as suas especificidades sócio-culturais ignoradas, sendo reduzidos a uma figura bidimensional: últimos representantes de um passado nacional essencialista e folclorizado que deve ser preservado; ou um incômodo obstáculo que precisa ser superado, para que o país alcance a “Ordem” e o “Progresso” prometidos desde seu nascimento e eternizados na Bandeira Nacional.

Neste contexto, a produção de um vídeo educativo que vise não só o público da aldeia, mas que também seja capaz de “falar” com um público externo – neste caso, jovens estudantes das escolas públicas da região – atendem a duas expectativas diferentes. No universo da aldeia, a realização do vídeo foi um processo educativo bastante eficaz: o hábito de escovar os dentes passou a ser de fato, absorvido por grande parte dos adolescentes e jovens da aldeia, que não se dirigem ao rio mais próximo sem ter em seu *Si’ono* (pequena cesta de palha produzida pelas mulheres xavantes) uma caixa de sabonete, escova e pasta de dente. Mas o vídeo também se apresenta como uma solução criativa e interessante ao procurar melhorar a imagem do grupo no contexto exterior ao da aldeia, ao mostrar como o povo indígena, neste caso o povo xavante, também é capaz de identificar proble-

¹²Nos estados de Mato Grosso e Goiás existem mais de 30 diferentes povos indígenas.

¹³O uso de discursos nacionalistas que defendem o país de complots orquestrados por ONGs ou missões religiosas estrangeiras que visariam a internacionalização da Amazônia, através da instrumentalização de povos indígenas, costumam ser reativados sempre no contexto de reconhecimento ou ampliação de mais territórios indígenas nesta região. Ver Ramos, 1997.

mas, buscar alternativa e de forma criativa e principalmente, coletiva apresentar novas soluções educativas.

CONCLUSÕES

Assim como os xavantes de *Etêñiritipa*, muitos outros grupos indígenas precisam negociar cotidianamente, a continuidade de uma cultura considerada tradicional com a entrada de novos hábitos e recursos provenientes do contato. Acreditamos que essa negociação ocorra de modo ativo e dinâmico e o uso da tecnologia do audiovisual passa a ser incluído neste processo. Ao analisarmos como se dá a apropriação do recurso audiovisual no campo educativo, esperamos contribuir nas discussões sobre como novas lideranças indígenas estão, de forma criativa, apropriando-se de diversos recursos em busca de uma maior autonomia também no campo educativo. O vídeo analisado representa o produto de uma realidade intercultural: foi resultado de um intenso diálogo entre diferentes hábitos e formas de ver e lidar com o mundo social e a escola é apresentada com a mesma importância que os demais espaços educativos existentes nesta cultura.

Em “*Dasedawa...*”, assim como na realidade observada em campo, a educação pode ser percebida como um “espaço de fronteira”, como propõe Tassinari (2001), onde “diferenças interétnicas emergem e adquirem novos contornos e onde técnicas e conhecimentos provenientes de diferentes tradições podem ser trocados e, assim, reinventados” (2001, p. 56). A apropriação da tecnologia audiovisual no contexto xavante não pode ser analisado de forma isolada, mas em relação com as necessidades e as transformações ocorridas em uma relação social interétnica. O vídeo é prova disso ao misturar diferentes ingredientes culturais, ao ser realizado de modo interétnico e ao servir como uma importante ferramenta educativa tanto no processo de sua idealização e realização até o seu uso durante as aulas de Ciências ministradas por professores Xavante desta aldeia. Dessa forma, a comunidade indígena do Território Rio das Mortes mostra, a nós educadores, como essa ferramenta de comunicação pode contribuir para o diálogo intercultural e fortalecer identidades culturais de grupos subalternos historicamente, além de aproximar o espaço escolar ao universo cultural de nossos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O índio e o mundo dos brancos*. São Paulo: Unicamp, 1996 (1964).
- GAUDITANO, Rosa. *Raízes Xavantes*. São Paulo: Caixa Econômica Federal.
- GALLOIS, Dominique & CARELLI, Vincent. 1998. "Vídeo nas Aldeias: a experiência Waiápi", em: *Cadernos de campo*. São Paulo: USP, 2003.
- _____. "Diálogo entre Povos Indígenas: a experiência de Dois Encontros Mediados pelo Vídeo", em *Revista de Antropologia*, Vol. 38, Nº 1. São Paulo: USP, 1995.
- GRAHAM, Laura. "Os Xavante na cena pública", em: *Povos indígenas no Brasil 1996-2000*. São Paulo: ISA, 1996.
- _____. *Performing dreams: discourses of immortality among the xavante of central Brazil*. Austin: University of Texas Press, 1998.
- LOPES DA SILVA, Aracy. "Dois séculos e meio de história Xavante". In: CARNEIRO, Manuela (Org.) *História dos índios do Brasil*. Rio de Janeiro: Cia. Letras, 2000.
- MAYBURY-LEWIS, David. *A Sociedade Xavante*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1984 (1974).
- RAMOS, Alcida Rita. "Convivência interétnica no Brasil. Os índios e a nação brasileira", em: *Série Antropologia*, Nº 221. DF: UnB, 1997.
- RUSSO, Kelly. Autonomia e Movimentos Indígenas no Brasil: a experiência Xavante na apropriação do recurso audiovisual. In: Levy, Bettina (Org.). *Poder e novas formas democráticas na América Latina e Caribe*. Buenos Aires: CLACSO/ASDI, 2004.
- _____. *O povo Xavante e a formação dos "novos guerreiros": o sistema educativo e a educação escolar indígena no Brasil*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 2005.
- TASSINARI, Antonella, Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: Lopes da Silva, A.; Ferreira, M. (Org.) *Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola*. São Paulo: Global, 2001.
- TURNER, Terence. Representando, resistindo, repensando. Transformación histórica de la cultura kayapo y conciencia antropológica. In: G. Stocking (Org.) *Colon situations. Essays on the contextualization of Ethnographic Knowledge*. Madison: Univ. Of Wisconsin Pres, 1991.
- _____. Imagens Desafiadas: a Apropriação Kaiapó do vídeo. In: *Revista de Antropologia*, Vol. 36. São Paulo: USP, 1993.
- _____. Representation, Polyphony, and the Construction of Power in a Kayapó Video", em: Jackson, Jean E.; Warren, Kay B. *Indigenous Movements, Self-Representation, and the State in Latin America*. Austin: University of Texas Press, 2002.
- WEINER, James F. "Televisualist Anthropology: Representation, Aesthetics, Politics", em: *Current Anthropology*, Vol. 38, Nº2. Austin: Foundation for Anthropological Research, 1997.

OUTRAS REFERÊNCIAS

- NÚCLEO DE CULTURA INDÍGENA (com Associação Xavante de Pimentel Barbosa). 1994. *Etêñiritipa*. (São Paulo: Warner Music/Quilombo).
- INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DAS TRADIÇÕES INDÍGENAS. *A 'uwê Uptabi: o povo verdadeiro*. São Paulo: Giros Produções, 1998.
- WAIASSÉ, Caime; Protodi, Jorge y Amaral, Rui. 2002. *Saúde Bucal* (Colgate Palmolive – Vídeo nas Aldeias).
- CARELLI, Vincent; CORREA, Mari. 2002. *Vídeo nas Aldeias se apresenta* (Olinda: Vídeo nas Aldeias).
- NUNES, Estevão. 2004. "Entrevista com documentarista Xavante Caime Waiassé" em www.aver.org.br / www.videonasaldeias.org.br / www.isa.org.br

ABSTRACT

Since the late 1980s, indigenous tribes have been using audiovisual technology in their communities' schools, and replacing the civilizing, historically imposed school model with Indigenous Schools. These schools are organized and managed essentially by teachers and their communities. This article aims at presenting and analyzing one particular indigenous experience: the shooting of educational videos as a didactical-pedagogical support in community education. To do such, it counts on data collected throughout an ethnographical work developed during the year of 2004, in the Rio das Mortes Indigenous Territory, of the Xavante ethnicity, in the state of Mato Grosso. The different uses of the audiovisual resource made by this community, in particular those related to indigenous teachers. The incorporation of audiovisual technology in this context contributes to the intercultural dialogue and to the strengthening of the ethnical identity built by the tribe itself.

Keywords: *education, media, interculturalism, Indigenous people.*